

POR TRÁS DA NARRAÇÃO DOS FATOS, O SILENCIAMENTO DA MULHER NEGRA EM CAROLINA DE JESUS: O ATO DE FALA DE UM COLETIVO EMUDECIDO¹

BEHIND THE NARRATIVE FACTS, BLACK WOMAN'S SILENCE IN CAROLINA DE JESUS: THE SPEECH ACT OF A MUTE COLLECTIVE

Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira²

RESUMO: Neste artigo, faço uma análise da intenção comunicativa de Carolina de Jesus no livro “Quarto de despejo: o diário de uma favelada”, dimensionando de que forma as sequências narrativas podem evidenciar a voz da mulher negra de periferia. A partir dos atos de fala, para além de uma fala singular, as questões postas por Carolina representam todo um coletivo, que está na base da pirâmide social brasileira. A luta pela sobrevivência familiar e a desilusão com a classe política são alguns dos questionamentos feitos e mostram uma autoria coadunada não apenas ao fato narrado, mas a uma voz coletiva emudecida.

Palavras-chave: Carolina de Jesus. Quarto de despejo. Pragmática. Intencionalidade. Atos de fala.

ABSTRACT: This article aims an intentional communicative analysis of Carolina de Jesus's book Quarto de despejo (published in English as Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus) demonstrating how narrative choices contribute to highlight the voice of Black women from Brazilian outlying ghettos. From speech acts which go beyond singular acts, the issues brought by Carolina represent the collective, which is the basis of the Brazilian social pyramid. The Family struggle to survive and the political disappointment are some of the issues raised and show na author who is interested not only in describing her own story, but also in giving a mute collective a chance to express themselves.

Keywords: Carolina de Jesus. Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus. Pragmatic. Speech acts.

¹ Artigo recebido em 29/03/2019 e aceito em 10/05/2019.

² Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2013); professora adjunta da mesma instituição, atuando na Educação Básica e na Graduação em Letras. E-mail: hilmaribeiro1967@gmail.com.



Introdução

Nesse capítulo, pretendo mostrar a pertinência do viés pragmático na análise da fala de Carolina de Jesus, autora do best-seller “Quarto de despejo”. No livro, além da narração de fatos vividos por Carolina e seus filhos na cidade de São Paulo, acredito que há, por trás dos fatos narrados um grande “pedido de socorro”, que extrapola a narratividade do texto. Isso porque, na fala de uma narradora que é excluída de direitos humanos básicos e que está muito desgastada em suas emoções, pode-se vislumbrar uma perspectiva injuntiva, tendo como outros locutores possíveis a voz da grande massa das populações negras, que vem sendo, desde o início da escravidão, abandonada pelo poder público e encontra-se privada de direitos essenciais, como Carolina e seus filhos.

Nas palavras de Austin (1962), autor que origina a teoria dos Atos de fala, o “dizer” pode ser tomado como um “fazer”. Aplicando sua teoria à narração em “Quarto de despejo”, pode-se afirmar que o dizer da autora representa os negros excluídos, que persistem e resistem aos grandes problemas sociais hodiernos, e, para além do verbal, há ações implícitas que pretendem mudar uma condição precária e desumana. Sobre a implicitude e a intencionalidade, considero que a pragmática, como campo amplo de investigação linguística que se foca no indivíduo e suas intenções, ela pode ser instrumento de análise de discursos que não são muito aparentes, no nível textual. E, quanto ao diário de Carolina, apenas os leitores sensíveis aos interesses dos oprimidos podem compreender o que está para além do cotidiano narrado, da angústia pelo alimento e pela sobrevivência da mulher negra e mãe solteira, como tantas, nesse país. Numa análise pragmática dos aspectos textuais, penso que a narratividade pode ser vista como materialidade, que estaria dando lugar a diferentes ações diretivas, que são aquelas que se propõem a “fazer com que o interlocutor faça o que é instruído/comandado”, conforme categorização de Searle (1985). A partir dos enunciados usados por Carolina para narrar episódios de retratação de uma realidade social precária, esses enunciados podem ser indício de um caráter injuntivo/instrucional do diário. O público leitor pretendido pela enunciadora, não seria, portanto, aquele curioso do seu cotidiano de exclusão, com todos os estresses dos habitantes das periferias das grandes cidades, que estão fora desses ambientes e, portanto, não o conhecem. Acredito que o leitor pretendido por Carolina é representado pelo poder público e pela sociedade



que deseja uma sociedade que anseia pela democratização dos direitos humanos.

Quanto ao livro, que constitui marco para literatura de periferia, o cotidiano excludente de Carolina é narrado em páginas de diário que retratam a difícil tarefa da mulher negra, pobríssima e mãe solteira, de sobreviver como catadora de papéis. Além da narração dos fatos que constituem, por si só a exclusão pela cor de pele e pelo gênero, a própria materialidade usada pela narradora é elemento dessa exclusão, pois as páginas de diário foram literalmente retiradas de cadernos que a autora encontrava nos lixos da cidade. O livro foi escrito entre os anos de 1955 e 1960 e teve sua primeira publicação no final de sua produção, em 1960, quando o jornalista Audálio Dantas foi fazer uma reportagem na favela onde Carolina morava e soube, nessa visita, que ela escrevia seu diário em cadernos achados no lixo.

Sobre meu interesse de análise da teoria dos "Atos de Fala" no livro, esse surgiu da leitura de "Quarto de despejo" com meus alunos do Ensino Básico no CAP/UERJ para posteriores tarefas propostas aos alunos. O interesse no social exposto no livro tem sido motivação para compreender o porquê da fala de Carolina. Quanto a essa fala, acredito que a pesquisa linguística pode servir para dar vazão a um anseio por dar um caráter científico à investigação da fala dos excluídos, sobretudo da mulher negra, de modo a entender hipóteses do porquê de sua forma autoral.

Como teoria pragmática, me faço dos pressupostos de Austin (1962), na caracterização dos planos locucionário, ilocucionário e perlocucionário e de Searle (1969, 1985), na configuração dos tipos de atos de fala. Sobretudo pela caracterização do "ato diretivo", que são aqueles que demonstram a intenção de instruir/ordenar. Ainda como pressupostos bibliográficos, na análise da autora Carolina de Jesus, recorro a Meihy e Levine (2015), pesquisadores do campo literário que documentaram sobre a vida da autora e do porquê de sua produção literária.

Carolina de Jesus e autoria negra na "marginalidade"

O reconhecimento de Carolina de Jesus como uma autora precursora do que é conhecido como "Literatura Marginal" já está solidificado nos estudos literários. Na sua obra, as esperanças, os sofrimentos e os desejos da mulher negra hostilizada na periferia urbana ficam registrados em forma de diário. O fazer cotidiano de catadora de papéis, que cuidou sozinha de seus



três filhos sem nenhuma inserção social no “mundo civilizado branco” é transmitido sem maquiagens ou artifícios estéticos. Muito pelo contrário, o desejo de ser escritora, sair da favela e oferecer melhores condições sociais aos seus filhos são temáticas constantes que comovem o leitor.

Ao contrário dos grandes autores de seu tempo, como Jorge Amado, Clarice Lispector, Érico Veríssimo ou Graciliano (considerados por questões literárias e estilísticas), Carolina era lida por leitores que queriam “conhecer a realidade da favela”, de modo que o seu texto, ainda hoje, é desprestigiado e desconhecido do público em geral. Entretanto, além da retratação do seu cotidiano, o que chama a atenção, em Quarto de despejo é uma visão crítica de um ser humano sensível aos grandes problemas sociais. Nesse caso, tentar escrever e tentar projetar-se por meio da escrita são tarefas feitas ao mesmo tempo e que refletem grandes desejos de Carolina de Jesus. A autora pode, então, representar uma atitude de resistência às insanidades que ela sofria e de engajamento, por tentar ser escritora, mesmo com tantas dificuldades.

Sobre Carolina, à época do relato, ela era moradora da favela do Canindé, em São Paulo. Filha ilegítima, ela passou a infância sofrida em Sacramento, Minas Gerais, em uma comunidade agrária e, tentou, sem sucesso, a vida na cidade grande. Assim, grávida e sozinha, construiu com as próprias mãos um barraco na favela, onde passou a ter que sustentar a si e aos seus três filhos, João, José e Vera Eunice. A vontade de escrever como ato de resistência e de engajamento para uma formação de autoria negra e feminina é feita por Carolina, primeiramente, mas, mais adiante por Conceição Evaristo.

A história pessoal de Carolina é muito semelhante à da personagem Ponciá Vicêncio, na narrativa de Conceição Evaristo (2003), que tem como personagem principal uma mulher negra, sem perspectivas sociais mas que sai do interior de Minas, de uma comunidade agrícola de negros para tentar a vida na cidade. Nesse caso, ambas as autoras, Carolina e Conceição, para além de construir narrativas da realidade da mulher negra, trazem para os leitores uma forma discursiva desconhecida dado reflexo de silenciamentos sofridos, ao longo dos séculos. Ser mulher, ser negra e, sobretudo, ser pobre, no Brasil, é um martírio vivido por milhões, mas que continua sendo desconhecido.



Quanto a essa ótica específica, a condição social da mulher negra, mãe solteira e moradora de favela possibilita a Carolina a leitura do mundo e da vida por uma ótica real da exclusão, o que não ocorre em autores nacionais que, por mais que tenham vivenciado a exclusão, como Jorge Amado (2008), que conviveu com meninos de rua para escrever o romance “Capitães da areia”, ou Graciliano Ramos (2003), que fala de forma tão profunda sobre a sequeidão do êxodo rural e da vida do nordestino migrante “Vidas secas”, que são autores fabulosos mas que não tiveram a real experiência de exclusão para escrever sobre ela.

Por isso, são riquíssimas, por exemplo, as muitas visões de mundo de Carolina sobre as diferenças geográficas e sociais da cidade de São Paulo, que mostram um nível de percepção da desigualdade social muito dramática e, de fato, excludente, já que a falta de habitação e a precariedade a afligiam, de fato. Ao classificar a cidade onde morava de forma tão discrepante, como na famosa frase “São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visitas. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” [...] (JESUS, 2007, p. 32), a escritora apresenta um panorama verdadeiro das diferenças impostas aos grupos humanos segmentados em castas dentro do mesmo espaço social, formando fronteiras geográficas que marcam o país, até hoje em dia.

É exemplo de singularidade de visão a grande estranheza sentida por ela ao penetrar em outros espaços e comparar os valores e os costumes da sociedade visitada. Esse estranhamento sentido por ela é sentido, tanto no “palácio” quanto na “favela”, espaço degradado onde ela viveu, pois os indivíduos que nela habitavam não tinham qualquer similaridade com a autora. Nesse sentido, a escrita era a única alternativa que ela encontrava para transpor aquele universo que a aprisionava, mas que não a impedia de manter a lucidez e a verdade de seus relatos. Nas palavras da sua filha Vera Eunice, tão citada em Quarto de despejo, desde sempre, Carolina encontrou nos livros uma companhia constante.

(...) acabava tendo de ser assim: sozinha, com os livros. Acho que os livros foram os únicos companheiros constantes dela, porque eles não escolhem seu leitor. Como ela quase não tinha amigos, nem outras crianças com quem brincar, como não podia ir para a escola, ler era a solução. Até na adolescência ela dizia que os meninos ficavam longe dela porque suas famílias os



proíbiam de se aproximar. Proíbiam os meninos até de falar com minha mãe! Por isso é que ela aprendeu tanto e acabou sendo escritora: se afogava em livros para fugir da solidão. (MEIHY; LEVINE, 2015, 75).

Entretanto, embora fosse empenhada nos livros e no aprendizado, sua condição social a impedia de conseguir uma maior ascensão e projeção literária. Nesse contexto social, a escrita de seu diário reflete a ambição de Carolina, ao perseguir essa ascensão, a fim de se inserir no mundo e no contexto literário de sua época. E ela conseguiu, pois seu *Quarto de despejo* tornou-se um enorme sucesso de público, sendo traduzido para 13 idiomas, rompendo barreiras impostas pela cor e pela sua condição marginalizada, mostrando uma obra literária que se perpetua pela grandiosidade social de seus relatos.

Nessa perspectiva, esse artigo pretende apresentar reflexões sobre alguns usos discursivos do diário, ressaltando possíveis efeitos de sentido de elementos sintáticos e semânticos que traduzem as vivências pessoais da autora. Partindo desses pressupostos, exemplos representativos dos registros realizados em "Quarto de despejo: diário de uma favelada" analisados a partir da pragmática podem transmitir a força de uma escrita muito peculiar, tendo como suporte o componente ilocucionário da linguagem, a partir da teoria dos atos da fala.

É sabido que os elementos pragmáticos podem descrever o sentido de um enunciado a partir do componente ilocucionário, tema da seção subsequente. Como resultado de análise dos sentidos, essa teoria permite que o locutor seja descrito enquanto um ser da realidade, configurando um perfil marginalizado e uma voz silenciada pela sociedade. Nesse sentido, a força ilocucionária de determinado texto consiste em pressupor as condições e intenções do texto, considerando que "Dizer uma coisa e querer significá-la é uma questão de dizê-la com as condições de satisfação intencionalmente impostas ao enunciado." (SEARLE, 1995, p. 236).

Assume-se, para isso, que os sentidos e as possibilidades de leitura de um enunciado possuem como escopo, majoritariamente, o componente pragmático da linguagem, extraído-se, a partir da superfície textual, os seus elementos de configuração discursiva. A camada superficial, dentro dos escopos semântico e sintático, constitui intersecções possíveis do fator pragmático a serem analisadas como objetos de estudo no presente capítulo.



O componente ilocucionário da linguagem e o ato diretivo

Partindo de um pressuposto filosófico, a teoria dos “atos da fala”, dentro dos estudos pragmáticos, desenvolve uma perspectiva de abordagem para o problema da referência da palavra à coisa, problema esse estudado desde Platão e Aristóteles, ao mostrarem as visões dos realistas e sofistas na aquisição dos sentidos, por meio do léxico. A pragmática é fruto desse questionamento histórico que levanta possibilidades da presença do intencional na análise do textual. Isso corre tanto na compreensão Nesse viés, esses princípios colocam a "intencionalidade" como questão determinante para a produção dos atos de fala e dos sentidos a eles subjacentes. Ao fazer conexão entre significação e intencionalidade, há um reconhecimento da importância desta última na composição dos atos da fala, na medida em que

[a]o falar tentamos comunicar certas coisas ao nosso ouvinte, fazendo com que ele reconheça a nossa intenção ao comunicar precisamente aquelas coisas. Conseguimos o efeito pretendido no ouvinte fazendo com que ele reconheça a nossa intenção de atingir aquele efeito, e, assim que o ouvinte reconhece qual é a intenção que queremos atingir, ela é geralmente atingida. Ele entende o que estamos a dizer assim que reconhece a nossa intenção ao emitir com uma intenção de dizer aquilo (SEARLE, 1984, p. 60).

Ao se fazer qualquer comunicado, todos nós pretendemos que nossas intenções sejam reconhecidas, elevando o aspecto pragmático como escopo abarcador dos demais escopos linguísticos/discursivos. Quanto ao estabelecimento das intenções, a partir das referências, estabelecidas no plano linguístico, segundo Searle, “a mesma referência e a mesma predicação podem ocorrer na realização de diferentes atos de fala completos.” (SEARLE, 1981, p. 34). Isso porque a linguagem, como forma de ação, engloba um fazer, que extrapola o plano superficial do texto.

Tendo em vista os pressupostos teóricos de Searle (1981, p. 34), pode-se inferir que em grande parte, Carolina de Jesus propõe uma narrativa primeiramente de enunciados de relato, constituindo-se maciçamente de asserções. Entretanto, as constatações de sua narrativa podem, num plano mais profundo, explicitar desejos, feitos por meio de "solicitações" que



refletem, a partir dessa referência superficial, desejos e intenções que precisam ser atendidos.

A partir dessa leitura, as intenções e os efeitos de sentido oriundos da escrita e das expressões utilizadas Carolina de Jesus somente poderão ser compreendidos se forem considerados os motivos que impulsionaram os registros do seu diário e a maneira como a narradora gostaria de ser compreendida, uma vez que:

[...] o falante emite uma sentença e quer significar exata e literalmente o que diz. Há, portanto, uma intenção de produzir um certo efeito ilocucionário levando o ouvinte a reconhecer essa intenção pelo fato de o ouvinte ter conhecimento das regras que governam a emissão da sentença (SEARLE, 1995, p. 47).

Nesse sentido, para o estudo dos enunciados com força ilocucionária diretiva, por exemplo, pode-se recortar como objeto de análise os exemplos que apresentam alguns estados intencionais, isto é, crenças, desejos, medos etc. de Carolina, com a intenção de provocar no leitor uma tomada de consciência e de atitude, a partir de sua fala. Nessa perspectiva, evidencia-se o papel do fator pragmático como elemento de detecção do intencional.

Os atos da fala que constituem as intenções dos indivíduos ao tentar "relatar", "impor", "aferir", "persuadir", "descrever", entre outras ações, inerentes às ações e desejos dos falantes, durante o proferimento das sentenças que compõem um texto. Portanto, pretende-se aliar, nesse artigo, a intenção e significação, a partir do mesmo universo de representação linguística.

Ao considerar que todo enunciado caracteriza-se como um ato, um ato da fala, que tem variações de acordo com a situação social das pessoas envolvidas, Austin (1962), em sua obra *Quando dizer é fazer – palavras e ação*, defende que há planos discursivos diferentes, a partir de um único enunciado proferido. Nessa perspectiva, o autor destaca que o caráter acional de cada enunciado é decorrente de três tipos de ações discursivas simultâneas, conforme mostra o Quadro 1 abaixo.



Quadro 1: Dimensões do ato de fala

Ato locucionário	ato <i>de</i> dizer algo
Ato ilocucionário	ato que se realiza <i>no</i> dizer algo
Ato perlocucionário	ato que se realiza <i>com</i> o dizer algo

Fonte: elaboração da autora a partir de Austin (1962)

A constatação do autor mostra que cada frase analisada – que tem em sua organização várias classes gramaticais, tais como o substantivo e o adjetivo – comunicando e realizando um propósito comunicativo, ao mesmo tempo em que se realiza um ato proposicional (que corresponde à referência e à predicação, isto é, ao conteúdo linguístico usado, em si) e um ato ilocucionário (que pressupõe as diferentes intenções que se realizam na linguagem). Enunciar uma sentença significa, portanto, executar um ato proposicional, o qual pode exprimir diversos valores ilocutórios, por exemplo, de ordem, de pedido, de conselho. Por assim dizer, por sua abrangência e representatividade, a força ilocucionária, que evidencia essas intenções é caracterizada como ponto central dos estudos sobre atos ilocucionários dentro da teoria dos atos da fala.

Os sentidos inerentes aos enunciados surgem da interdependência entre a proposição ou ato locucionário e o ato ilocucionário. Surge, então, a importância da "força ilocucionária" ou "força ilocucionária" como elemento importante da percepção dos sentidos do que é proferido pelo conteúdo proposicional superficial. Com base nisso, há em Searle (1981) ainda três escopos analíticos, a partir do que se faz ao "a) enunciar palavras (morfemas, frases); b) referir e predicar; c) afirmar, fazer uma pergunta, dar uma ordem, prometer, etc." (SEARLE, 1981, p. 35). Por conseguinte, a força ilocucionária tem seu efeito diretamente ligado ao contexto, à construção semântica, a aspectos históricos, sociais e psicológicos de quem elabora um enunciado, na medida em que

[...] o marcador de força ilocucional indica o modo pela qual é preciso considerar a proposição, isto é, qual será a força ilocucional a atribuir à enunciação; ou, ainda, qual é o ato ilocucional realizado pelo falante quando profere a frase. (...) Posso indicar o tipo de acto ilocucional que realizo, começando a frase com "Peço desculpa", "advirto", "afirmo", etc. Frequentemente, nas situações concretas de discurso, é o contexto que permitirá fixar a força ilocucional da enunciação, sem



que haja necessidade de recorrer ao marcador explícito apropriado (SEARLE, 1981, p. 43-44).

Uma intenção é, portanto, o elemento comunicativo mais importante, durante a comunicação, pois, a partir dela há uma tomada de consciência dos interlocutores, que irão perceber o que está sendo proferido. Retomando a conclusão de Austin (1962) de que todos os enunciados são performativos, e que por isso todo ato de fala é ao mesmo tempo locucionário, ilocucionário e perlocucionário, quando se enuncia a seguinte frase de Carolina de Jesus, em Quarto de despejo: “É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela”. [...] (JESUS, 2007, p. 61), há o ato locucionário de enunciar cada elemento linguístico que compõe a frase. Paralelamente, no momento em que se enuncia essa frase, realiza-se o ato ilocucionário, ou seja, o ato de manifestação de uma necessidade, cuja realização se dá na linguagem. Quando se enuncia essa frase, o resultado da ação ilocucionária pode ser, portanto, de súplica, de entusiasmo ou de desânimo, entre outras intenções. Por fim, pode se tratar, também, de um ato perlocucionário, que é um ato que não se realiza na linguagem, mas pela linguagem, que poderia ser o de consideração ou de reconhecimento do estado da narradora para tomada de atitude com respeito aos problemas por ela apresentados.

No intuito de apresentar uma visão mais categorizada sobre a força ilocucionária, Searle (1981) distingue cinco grandes categorias de atos de linguagem, resumidas no Quadro 2.

Quadro 2: As categorias de atos de fala

Categorias	Posicionamento do falante	Posicionamento do ouvinte
Assertivos	Compromete-se em afirmar que algo seja falso ou verdadeiro	Assumir ou não determinado conteúdo como sendo falso ou verdadeiro
Diretivos	Procura fazer com que o ouvinte realize determinada tarefa	Realiza ou não o que o falante propõe
Compromissivos	Se propõe a realizar algo	Acreditar ou não que o falante realizará algo
Expressivos	Demonstrar a emotividade derivada de algum fator externo ou interno	Compartilhar ou não dessa emotividade
Declarações	Produz um enunciado que modifica uma situação externa	Observa essa modificação

Fonte: Produção da autora a partir de Searle (1981).



O Quadro 2 resume dois aspectos fundamentais na caracterização dos atos de fala em suas categorias, concentrando-se no posicionamento dos interactantes, no momento em que as ações são proferidas e interpretadas. No caso do texto de Carolina de Jesus, a força das palavras e a verdade de seu relato constituem, muitas vezes, pedidos de ajuda e de atenção para as denúncias feitas. Nesse contexto, ganham pesos diferenciados, dentro da narração, o uso dos substantivos e dos adjetivos que, ao formarem o conjunto de conhecimentos da autora sobre a vida e sobre si mesma, indicam ações linguísticas importantes, na produção dos sentidos textuais.

Essas considerações reforçam a importância do escopo pragmático da linguagem e, sobretudo, mostram a pertinência da consideração do ilocucionário na produção linguística, especialmente, na indicação desses planos na leitura e na escrita.

Análise do *corpus*

Nesta seção, faço a análise dos enunciados a partir da leitura de um fragmento de Quarto de despejo. Essa análise foi feita pelo cotejo entre os conteúdos semânticos veiculados pelas frases declarativas, que pressupõem a narração dos fatos, propriamente, e de possíveis sentidos de caráter injuntivo, inferidas por esses enunciados. Ou seja, baseio-me em intenções assumíveis, a partir da narração e de sua interpretação como pertencente, também à tipologia injuntiva/instrucional. A presente análise é de caráter qualitativo, na medida em que proponho um cotejo entre a esfera textual e a pragmática, na produção discursiva.

Essa opção pode vir a ser horizonte para análise de fenômenos linguísticos em textos de diferentes gêneros pelo viés limítrofe da Linguística Textual e da Pragmática, aliando questões da textualidade em si com a intencionalidade. Quanto a esse capítulo em si, é perspectiva importante a ênfase das ações por meio da produção verbal na visualização da temática do preconceito e da exclusão na fala de uma autora que é muito representativa da questão da mulher negra.

Sobre o trecho do diário que será reproduzido, em seguida, ele faz parte de um conjunto de relatos de Carolina. Ao longo de todo o livro, a exposição do cotidiano, a reflexão sobre as necessidades familiares e o questionamento social são recorrentes na visão da autora. Tanto a exclusão



de gênero como a social estão relacionadas ao tipo de exclusão sofrida por milhões de brasileiras. Particularmente nos centros urbanos, o surgimento das favelas está relacionado, diretamente, com a população negra. O lugar dos fatos reproduzidos é a favela do Canindé, em São Paulo. Especialmente no sudeste, o tipo de condição urbana de degradação, infelizmente, ainda é recorrente, Leia o excerto com o relato de Carolina em seu diário do dia 21 de maio de 1959.

21 de maio³

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vinha me pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. Em com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que tinha.

... Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é a fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores.

Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia catar papel quando parei na Avenida Bom Jardim. No lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços:

Disse-me:

- Leva , carolina. Dá pra comer.

Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruídos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não

³ O relato está transcrito da forma como impressa no livro. Infelizmente, acredito que a exposição dos erros ortográficos de Carolina de Jesus reforçam a ideia do uso do livro como instrumento de exposição inadequada de um perfil desqualificado da autora, que teve sua forma de escrita mostrada sem qualquer filtro ou edição.



presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz fértil igual ao meu. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela.

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber o seu nome. Marginal não tem nome.

...De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, quem tem a sua matriz nas favelas e as surcursaes nos lares dos operários.

...Quando eu fui buscar agua vi uma infeliz caída perto da torneira porque ontem dormiu sem jantar. É que ela está desnutrida. Os médicos que nós temos na política sabem disto.

...Agora eu vou na casa da Dona Julita trabalhar para ela. Fui catando papel. O senhor Samuel pesou. Recebi 12 cruzeiros. Subi a Avenida Tiradentes catando papel. Cheguei na rua Frei Antonio Santana de Galvão 17, trabalhar para a Dona Julita. Ela disse-me para eu não iludir com homens que eu posso arranjar outro filho e que os homens não contribui para criar o filho. Sorri e pensei: em relação aos homens, eu tenho experiencias amargas. Já estou na maturidade, quando que o senso já criou raízes.

...Achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata solsa. Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes elétricos.

Não tinha gordura. Puis a carne no fogo com uns tomates que eu catei lá na Fabrica de Peixe. Puis o cará e a batata. E agua. Assim que ferveu eu puis o macarrão que os meninos cataram no lixo. Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a batata doce (JESUS, 1996, p. 40- 42).

Nesse excerto, a situação de exclusão vivida por Carolina se expõe, tanto pela rotina difícil de catadora de lixo, como por seus desejos frustrados. Também fica aparente o sentimento desolador sobre a política e a sociedade desequilibrada em termos sociais. O sonho da casa de alvenaria e da vida digna constituem temáticas recorrentes, objetivos a serem alcançados para a



narradora e sua família. Ocorre que a narração de fatos cotidianos, num primeiro plano e, num universo mais intimista, num outro nível enunciativo em que são postas as expectativas irreais sobre a própria vida e sobre um futuro mais digno. Na leitura desses possíveis patamares enunciativos podem ser construídos objetos de análise importantes para compreender o intencional que está para além do explícito, ressaltando componentes pragmáticos a partir da exclusão vivida por Carolina e sua família.

Aspecto importante diz respeito a duas falas da narradora, ao relatar os fatos pelos quais passaram naquele dia, que são: o sonhar e os demais eventos do cotidiano por ela vivenciados. Desse modo, quanto à “narração” e a “imaginação”, o próprio ato de sonhar “Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível...”, é fruto de uma exclusão, que corresponde, por conseguinte, a três grandes componentes demográficos, que são: o social, o étnico e o feminino. Essas três condições fazem com que o tipo de vida idealizada por Carolina constituísse horizonte impossível. Isso porque a mulher negra, pobre e mãe solteira que, ainda hoje, habita os grandes centros urbanos é submetida a uma vida muito precária e sem condições de ascensão ou de melhoria social. Assim, ter um lar, alimentar-se e ter condições de sustentar sua família constituem horizonte improvável para a massa populacional negra feminina, na maioria das vezes. E, o relato de Carolina pode constituir voz de muitas outras mulheres negras.

Destaco, numa primeira análise dois grandes planos: o material/textual, cuja organização seleciona frases declarativas que se propõem a expor os fatos e os desejos da narradora; e um plano pragmático/intencional, possível pela sugestão de ideias, a partir dessa perspectiva inicial que está materializada no texto. Nesse segundo patamar, acredito que algumas leituras das declarativas usadas por Carolina expõem algo que está para além da narração/descrição. É nesse viés analítico que ressalto a importância do papel da intencionalidades do ato ilocucionário, cuja diretividade está coadunada à ação desejada pela narradora ao declarar os enunciados em seu diário. Nesse caso, o diário refletiria algo para além do cotidiano, que teria como destinatário não o indivíduo que deseja conhecer o universo periférico do indivíduo descartado (ou “despejado”, nas palavras de



Carolina). O destinatário principal de seu texto seria ao poder público⁴, que pode (ou poderia) resolver as questões da narradora. Sugiro, então, outras variações intencionais, a partir de uma ação assertiva inicial, estipuladas pelas frases declarativas que organizam a narração.

Por exemplo, frases como “Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada”, que selecionam conteúdos a respeito do tipo de situação vivida por Carolina. Em uma primeira leitura, a descrição do que ocorre com Carolina, em que ela expõe o tipo de fato vivido por ela, naquele dia em que ela passara uma “noite horrível”. Para narrar o tipo de também a narração de fatos que tornam essa noite tão difícil, em que ela tinha “sonhado” com um lar digno e, por isso, idealizado por Carolina para si e para sua família “casa com banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada”. Ocorre, a partir dessa descrição, atribuições de elementos que faziam parte de um universo negado e intangível da escritora do diário, na medida em que o relato de sua condição mostra uma exclusão ao acesso de condições a uma moradia, que é basilar para qualquer ser humano. Infelizmente, para mulher negra, miserável e mãe solteira, não.

Entretanto, aliada à narração do sonho, que está predisposto pelas frases declarativas, portanto, atos assertivos, na categorização de Searle (1985), podem-se inferir outros atos de fala, quando, em realidade, tem-se uma esfera injuntiva/diretiva quando o “pedido” de Carolina para o leitor de seu diário, que teria as condições de tirá-la daquela condições, na medida em que o seu relato pode dimensionar o tipo de exclusão pela qual ela passava, sendo, portanto, a injunção uma sobreposição à narração. Sem lar e, conseqüentemente, sem dignidade, a força ilocucionária do ato relativo aos enunciados intencionados como diretivos podem mensurar esse desejo, para além da simples assertividade, relacionada à esfera narrativa/declarativa. A diretividade, nesse plano, mensura os desejos e que são pedidos não apenas de si para si, mas para a sociedade, como um todo.

Ainda, no excerto, também aliada a essa necessidade de inserção social pessoal, a narradora expõe o tipo de necessidade negada aos seus filhos de uma infância mais feliz. Logo, essa toma para si não apenas uma exclusão

⁴ O diário de Carolina, em realidade, constitui fala destinada à promoção de mudanças, tendo como interlocutor o pátrio poder, capaz de promover a igualdade social, pensamento que Miranda (2013) também defende, na análise de Quarto de despejo.



vivia por si, mas, como mãe de negros marginalizados, carrega a frustração de não ter condições de tirá-los dessa condição, também. Veja: “Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo”. Nesse caso, outro lado terrível da exclusão da mãe pobre, negra e favelada se mostra, na medida em que lhe é negada a possibilidade de suprir as necessidades básicas de seus filhos. Assim, ainda a narração do sonho de Carolina está relacionada ao tipo de moradia em que a narradora gostaria de ter e da infância feliz que gostaria de oferecer para seus três filhos. Quanto ao papel dos níveis ilocucionários dimensionados por Austin (1962), se, na narrativa, as atribuições podem ser relacionadas aos enunciados assertivos, na medida em que conteúdos do universo consciente são relacionados por predicadores do plano imediato e textual, uma leitura possível para o desejo de comprar panelinhas consiste na categorização ato de fala expressivo, no nível ilocucionário. Pode-se fazer, nessa leitura, uma equiparação também coadunada ao plano dos enunciados assertivos iniciais, que usam predicadores que indicam desejos intangíveis para sua filha, assim como “a casa de alvenaria” seriam “as panelinhas” desejadas por Vera Eunice.

Entretanto, além do relato das necessidades básicas que um ser humano possui, que constitui a labuta de Carolina ao longo dos dias de trabalho como catadora e como mantenedora do sustento de sua família, falando do desgaste que seria ter o atendimento de seus desejos de abrigo e alimento, na escrita de “Quarto de despejo” há outros fatores excludentes que atingem a população negra, cujos representantes não estão no legislativo, no executivo e, muito menos, no judiciário⁵. Nesse caso, após a narrativa inicial do sonho impossível, a narradora passa a ser enunciativa de sequências injuntivas, propriamente, desejando o tipo de dirigente que o país deveria ter, de fato. Observe “... Quem deve dirigir é quem tem capacidade.” Dessa forma, se a narração do sonho pode ser interpretada como pedido de ajuda por meio do ilocucionário diretivo, quando a locutora afirma que o tipo de dirigente que temos não olha para a população pobre, o enunciado injuntivo ocorre por meio de locuções verbais de caráter imperativo. A locução verbal “deve dirigir”, constrói injunção corroborada por sequências

⁵ A exemplo dessa falta de representatividade, o assassinato da vereadora Marielle Franco, moradora do complexo da Maré/RJ, em 14 de março de 2018, acentua a falta de representatividade da mulher negra e do pobre na política, na medida em que, quando existe alguém a favor da mulher negra, esse alguém tem sua voz silenciada.



enunciativas argumentativas, numa gradação de frases declarativas que traçam o perfil do tipo de governante injungido pela enunciativa “Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é a fome, a dor, e a aflição do pobre”. Veja que o argumento principal está no plano ilocucionário selecionando por meio do pronome indefinido “quem” os atributos do perfil político ideal para governar o país. Nessa perspectiva, a injunção “requer” algo e a argumentação “argumenta” sobre, dissertando sobre o porquê de um desejo.

Ocorre que a narração dos fatos, ao longo do diário, sempre é acompanhada de angústias coletivas que reforçam esses fatos e, por outro lado, tais angústias dizem respeito a algo que vai para além da narração em si, abordando os grandes problemas nacionais, relacionados à desigualdade. O diário pode ser considerado, portanto, tanto pelo relato e pela narração em si, quanto por outras sequências tipológicas, mostrando um intencional mais profundo, de uma voz que é silenciada por falta de interlocução.

Ainda nesse mesmo dia, continuando na repercussão dos fatos vividos por Carolina, após a fala em que mostra o perfil de quem deve governar, a exposição de eventos trágicos de seu cotidiano pode confirmar essa leitura. Quando a narradora fala da falta de comida e da fome às quais ela e seu amigo “pretinho” eram submetidos, pode-se mensurar um reforço discursivo para o tipo de relato e da necessidade de mudança para esses indivíduos. Assim, comer macarrão do lixo, ver o conhecido morto porque comeu uma carne estragada e ver o rapaz considerado “marginal” quando achado morto são sequências narrativas que acentuam o tipo de ato de fala desencadeado pelo desejo de uma mudança política.

Esse mesmo movimento – relato e solicitação por mudanças sociais – continua após os eventos que culminaram com rapaz morto. Carolina fala da necessidade de trabalho, quando trabalhou para “dona Julita”, em seguida, arranhou comida do lixo, o “cará” e a “batata solsa” e terminou o dia cozinhando essa comida para seus filhos; em seguida, Carolina fala da falta de eficiência do serviço social. Esse “ir” e “vir” de fatos e de anseio é comum ao longo de todo o livro. Por isso, defendo que as sequências tipológicas narrativas podem ser consideradas como atos de fala de caráter diretivo ou de reforço de um “macroato” injuntivo/instrucional, pois o narrar, nesse caso, se propõe à mudança de uma situação de desequilíbrio social. Pode-se então



relacionar os aspectos textuais aos pragmáticos, a partir da central de Austin (1962) de que a linguagem em realidade é “ação”.

Por assim dizer, quanto à “sobreposição” de tipologias, a por meio da análise das frases declarativas, as diversas formas de exclusão vividas por Carolina podem ser elementos de caracterização do perfil da mãe, da mulher, da pobre e, sobretudo, da negra, moradora da periferia. Assim, Carolina é vítima de uma exclusão que é, ao mesmo tempo

social, já que não se tem acesso à dignidade humana; racial, pois Carolina fazia parte do grupo historicamente excluído, dado regime de trabalho escravagista; e de gênero, pois a mulher e principalmente, a “mãe solteira” é estigmatizada de forma sistemática, numa sociedade machista e misógina.

O relato de Carolina não é, portanto, o relato do sofrimento de um indivíduo em si, mas de toda uma massa de mulheres negras (e de homens) que não tem direito a ter um lar digno, a um emprego que consiga suprir suas necessidades básicas e a oferecer condições dignas aos seus descendentes.

A análise pragmática, nesse caso, pode dimensionar possibilidades de leituras diferentes para o mesmo enunciado. Por isso, posso acreditar que a sequência narrativa presente em trechos como o que segue, não apenas predispõe enunciados com vistas a narração de uma sequência de fatos, mas possuem também uma agência política.

Achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata solsa. Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes elétricos. Não tinha gordura. Pisei a carne no fogo com uns tomates que eu catei lá na Fabrica de Peixe. Pisei o cará e a batata. E água. Assim que ferveu eu pisei o macarrão que os meninos cataram no lixo [...] (JESUS, 1996).

Desse modo, “achar comida do lixo” (cará, batata doce e batata solsa), ver os filhos literalmente “roerem pão duro” e depois, preparar os restos de comida que achou no lixo reforçam a ideia de que o relato, em realidade, é um instrumento político, usado para mostrar aos leitores a decadência humana de toda uma população. Assim, a utilização da narração, por meio do gênero diário Quarto de despejo não apenas relata, mas, sobretudo injunje para uma mudança na estrutura social, que privilegia



apenas um grupo social, composto de pessoas brancas e com maior poder aquisitivo.

Conclusões parciais

O objetivo desse capítulo foi mostrar a associação de leituras possíveis para as intenções da narrativa de Carolina de Jesus, em *Quarto de despejo*, a partir da teoria dos atos de fala. Esse livro é marco do se conhece como “literatura marginal” e ele pode traduzir a fala de massas populacionais negras que se encontram, ainda hoje silenciadas pela sociedade.

Em pleno século 21 o brasileiro ainda não se vê e nem se identifica como negro e, ainda que participante do processo de exclusão sofrido pelos africanos da diáspora, ainda têm problemas em compreender o seu próprio discurso de excluído. Milhares de negros e de negras, nesse país, ainda sentem desconforto com a falta de identidade de sua origem e do problema histórico da escravidão. Submetidos à migração, como a própria Carolina, que saiu do interior para procurar uma vida melhor na cidade, não tem sua voz ouvida devidamente. No caso da escritora negra em si, pois era desejo dela viver da escrita, não apenas do diário que a fez conhecida, mas por outras produções literárias que desenvolvem outras temáticas, que não o seu cotidiano, já que Carolina escreveu poemas, um romance, provérbios e letras de música⁶.

Quanto ao livro *Quarto de despejo*, ele é fruto da vida desumana aos quais negros, sobretudo, nas grandes cidades, continuam sendo submetidos, vide o processo de urbanização, por exemplo, na cidade do rio de Janeiro, que gerou incontáveis favelas, habitadas maciçamente por uma população negra.

O desejo de Carolina de sair dessa “bolha” social é, no entanto, frustrada por uma elite política que compactua com a permanência dos africanos da diáspora nas condições de subsistência. Sem acesso aos serviços básicos, sem acesso à habitação e às necessidades humanas mais elementares, inclusive a de comunicação.

Nesse caso, o gênero diário, meio comunicativo usado por Carolina para relatar seu cotidiano na cidade de São Paulo pode oferecer caminhos

⁶ A obra publicada é composta de três diários (*Quarto de Despejo*- diário de uma favelada; *Casa de Alvenaria*- diário de uma ex-favelada e *Diário de Bitita*); um romance (*Pedaços da Fome*); uma coletânea de poemas (*Antologia Pessoal*) e uma compilação de pensamentos intitulada *Provérbios*.



importantes para análise do discurso de exclusão e da labuta diária dos milhares de negros, especialmente o da mulher pobre e mãe solteira, nos grandes centros urbanos. Isso porque a análise dos atos de fala presentes no texto, com a possibilidade que essa teoria proporciona, que é a de cotejar intencionalidades advindas dos enunciados narrativos dá ao leitor sensível ao discurso de Carolina a noção do tipo de silenciamento sofrido por um indivíduo que precisa de interlocução e de interlocutores. E, nessa perspectiva, a interlocução faz com que a sua escrita seja um instrumento de diálogo para mudar situações de exclusão, um ato político para perfurar uma “bolha” social. Tal leitura é possível já que a autora, em diversos momentos, para além do relato do cotidiano fala da falta de pessoas sensíveis às necessidades do pobre, os que “deveriam dirigir” politicamente o país, que deveriam ser os governantes da nação.

Por isso, a análise linguística de textos literários como o de Carolina de Jesus pode configurar novos olhares para a literatura de periferia e para os discursos de silenciamento provenientes dessa literatura, e, no caso desse capítulo, a análise linguística pode dimensionar esse novo olhar. Historicamente, os grandes autores remontam a fala de indivíduos de uma elite branca, criando um “público” leitor que deseja a degustação e o entretenimento, sem criar engajamento para mudanças.

Assim, com respeito aos *corpora* que ainda constituem campo para pesquisa de viés intencional/pragmático também autores como Conceição Evaristo e Lima Barreto pode ser importante para configuração de perfis discursivos que refletem a exclusão do negro e que traduzem expressões de toda uma massa populacional silenciada.

Referências

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1962.

AMADO, J. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

GRICE, P. Logic and conversation. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística – Pragmática**, v. 4, Campinas: Editora do Autor, 1982.

JESUS, C. M. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.



_____. **Quarto de despejo**: o diário de uma favelada, 10. ed., São Paulo: Ática, 2014.

LEVINSON, S. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCONDES, D. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MEIHY, J. C. S. B.; LEVINE, R. M. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MIRANDA, F. R. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: experiência marginal e construção estética. 2013. 160f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Barcelona: Editorial Norma, 2003.

SEARLE, J.. **Os actos de fala**: um ensaio de filosofia da linguagem. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

_____. **Expressão e significação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

